**Universidade de São Paulo**

**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Departamento de Economia, Administração e Sociologia**

 **LSF0270 – Educação Ambiental**

**Nome:** Bruna Rodrigues de Almeida **– nº USP:** 8578329

**Atividade 4. A arte de cantar histórias: o poder da música na educação ambiental em comunidade**

*"A função de 'expressão emocional' é individual ou social? 'Representação simbólica' e 'comunicação' devem ser categorias separadas? 'Divertimento' é, realmente, atribuição da arte? Essas categorias são realmente aplicáveis a qualquer cultura, em qualquer tema?"* (Freire, 1992, p. 25)

O texto começa com indagações e provocações justamente pelo tema música nos despertar o rêanimo e o movimento dos sentidos. Busca-se, aqui, discutir algumas impressões pessoais construídas com base em leituras e vivências sobre o papel da *cantação* de histórias na perpetuação de práticas e saberes em comunidade e na criação de vínculos com o meio. Sob esse enfoque, considerando as funções da música propostas por Allan Merriam (expressão emocional, prazer estético, entretenimento, comunicação, representação simbólica, reação física, conformidade às normas sociais, validação das instituições sociais e dos rituais religiosos, e continuidade e estabilidade da cultura) trago algumas reflexões sobre o papel da música no reconhecimento crucial das emoções no processo de aprendizagem.

Como veículo de história, mito e lenda, a música representa, em muitas culturas, a unidade de celebração que proporciona às pessoas que fazem parte de um grupo o sentido de pertencimento. Ela vive e pulsa através da poesia, do ritmo, da percussão e do canto, que fazem com que possamos enxergar nossa própria existência refletida e também nossa condição como seres coletivos.

As histórias transmitidas através do cantar dialogam com a nossa percepção de saberes guardados e construídos: para que um verso possa ser cantado e evocado, antes precisa ser trabalhado, remodelado, ajustado, para comunicar, para transmitir, para criar pontes, entre o ser-ser e àquilo que o rodeia Nesse universo, a música emerge como estímulo que tanto povoa a mente quanto envolve o coração. E essa ponte construída, tendo em vista a necessidade de diálogos e caminhos sustentáveis, nos remete à importância da criação de vínculos para uma sociedade - tal como os compassos de uma canção - que seja mais harmônica.

Para povos em que o aprender ainda repousa em conversas com o passado e com a sabedoria do cuidado com o lugar em que habitam e na harmonia das relações coletivas, uma história é um medicamento que fortifica e recupera o indivíduo e a comunidade. Através da propriedade narrativa da música, laços de afetividade são despertados, aprende-se a ouvir ao que é externo e ao que pulsa internamente. Desperta-se para o arfar da vida, para as manifestações de pensamento, para E em um mundo em que reservamos pouco tempo à arte de sonhar e à nossa vida criativa, a música pode vir a significar, como ferramenta de sensibilização, uma forma de despertar ações, de impulsionar a criatividade para a resolução de conflitos socioambientais, para a criação de projetos inovadores, para o pensamento livre, para o aprendizado contínuo e colaborativo, para o reencontro do eu consigo mesmo e daquilo que confere à sua vida sentido e significado, identidade e pertencimento, responsabilidade e motivação.

Enxergar-nos como parte indissociável de uma teia maior, de uma vida que é em si mais ampla do que sequer ousamos compreender, demanda que liberemos nosso potencial criativo e imaginativo para que consigamos comunicar nossas inquietações e turbulências para uma experiência de vida compartilhada. Quando uma canção de ninar chega aos nossos ouvidos, quando uma cantiga da infância nos remete à lições de conduta ou nos recorda de contos e mitos do passado, quando um hino toca num estádio envolvendo centenas de vozes em coro, quando uma tribo entoa em roda uma música que também já é dança, que é movimento e ritual, estamos celebrando a vida em uma de suas múltiplas manifestações. E esse celebrar pode vir repleto de vínculos, de raízes, de reencontro com o nosso eu natural, um eu que aprende a "ver" música até mesmo no correr de um rio, no canto de um pássaro, no assobio do vento. Um eu que reconstrói suas relações com o meio, com a vida em família e em comunidade, através do ritmo e das histórias, do cantar e do evocar, gora também parte de uma linguagem, de um modo de se falar e ouvir, de um poder que só ganha força quando compartilhado.

O divertimento, a continuidade e estabilidade de culturas, a comunicação e representação simbólica discutidos no início do texto são pontos acadêmicos de discussão que não devemos ignorar, mas quando se olha para o celebrar, o que deve nos remeter principalmente ao poder da música é a capacidade que esta tem de fazer as pessoas se apaixonarem. Não somente o amor pelo, cabe frisar, mas sim porque as pessoas costumam proteger aquilo que amam. E o lugar em que vivemos, seja ele qual for, precisa ser protegido. Nossa casa é onde a música deve fazer morada, ninho e acolhida. Quem sabe a vida possa ser assim continuamente cantada e celebrada.

REFERÊNCIAS

DEL BEN, L. **Ouvir-ver música: novos modos de vivenciar e falar sobre música**. In: SOUZA, J. (Org). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000

HUMMES, J.M., **Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004